PCB: UMA TRAJETÓRIA QUE MARCOU A HISTÓRIA

HIRAN ROEDEL[1]

Falar do Partido Comunista Brasileiro (PCB) é falar sobre a mais antiga experiência de um partido orientado e organizado pelos princípios do materialismo histórico no Brasil.

Há 100 anos, em 25 de março de 1922, alguns revolucionários fundaram o PCB. No pequeno grupo havia operário, sapateiro, jornalista, professor, alfaiate, vassoureiro, eletricista e barbeiro que sonharam em construir um partido revolucionário. Um partido que se apresentaria, ao longo do século XX, como o principal operador político do proletariado na perspectiva da revolução socialista.

Mesmo munido de pequena base teórica sobre o materialismo histórico, o Partido Comunista compreendeu que a revolução deveria superar algumas barreiras que limitavam a consciência de classe e a construção do socialismo. Nesse sentido, já para os primeiros comunistas, havia o entendimento de que a luta deveria atacar as limitações de caráter economicista, típicas do sindicalismo; valorizar as manifestações culturais de viés popular, combatendo, com isso, o elitismo academicista característico das classes dominantes; confrontar, incessantemente, o fracionismo político regional que se constituía na base do poder das oligarquias, organizando um partido de âmbito nacional.

Apesar de estar diante dos primeiros passos na compreensão da realidade social brasileira sob a orientação do materialismo histórico, o PCB entendia que a luta revolucionária somente se concretizaria a partir da percepção global da sociedade. Ou seja, era fundamental uma análise em totalidade para que fosse

[1]Doutor em Comunicação (UFRJ). Autor de Trabalho e alienação. Tradição que oprime (Lisbon Press), PCB: 80 anos e luta (Fundação Dinarco Reis), entre outros trabalhos.

possível implementar a construção de uma nova sociedade, cujos interesses do proletariado, aqueles que produzem a riqueza, se constituíssem na meta a ser atingida.

O exercício hercúleo da tarefa revolucionária, conduzida pelos pioneiros do materialismo histórico no Brasil, atraiu para os seus quadros militantes diversos segmentos e estratos sociais brasileiro. Não foram poucos os intelectuais, artistas, operários, pequenos burgueses, funcionários públicos, profissionais liberais, trabalhadores rurais e militares que cerraram fileiras pela construção da sociedade socialista no país.

Se o apelo à revolução permitiu ao PCB, já na década de 1920, participar da vida política brasileira, com a eleição de representantes à Câmara Municipal do Distrito Federal e lançar Minervino de Oliveira, o primeiro candidato negro e operário à presidência do país, logo de imediato, também atraiu a ira dos poderosos, que impuseram aos comunistas a ilegalidade, a tortura, os assassinatos e a clandestinidade. As conjunturas de forte repressão trouxeram, por conseguinte, limitações de debates teóricos e políticos que permitiriam o aprofundamento sobre a realidade nacional.

Desse modo, o autoritarismo imposto pelos donos do poder, presente na sociedade brasileira desde os primeiros tempos de sua organização, demarca profundamente o comportamento da população com sua submissão aos interesses das classes dominantes.

Não podemos deixar de considerar, nesse quadro, a característica da relação política. Além do mandonismo paroquial, relevante também é o personalismo dos chefes locais que dele se valiam como ferramenta e condição de dependência, poder e opressão.

Óbvio que sob tais condições, e não poderia deixar de ser muito diferente, a esquerda igualmente foi impactada por essas relações. Além da repressão praticada pelas classes dominantes, objetivando aniquilar a possibilidade da revolução, os comunistas igualmente buscaram soluções imediatistas, culto à personalidade, militarismo. Práticas que permearam alguns momentos de sua história, porém sem que fosse capaz o suficiente de desviá-los da proposta de revolução.

Outro aspecto, não menos importante, a ser considerado, foi a excessiva influência externa na trajetória do movimento comunista. Uma interferência que comprometeu a compreensão da realidade nacional produzida por seus intelectuais que, não poucas vezes, transplantaram para o país fórmulas de análises

que pouco contribuíram para a identificação das contradições históricas a serem combatidas.

Apesar dessas fórmulas se constituírem, de certa forma, em barreiras para a revolução, não se pode negar que facilitaram a atração dos segmentos médios urbanos reformistas sedentos de participação política. Na busca da defesa dos interesses de classe ou frações de classe, trazidos pelas novas circunstâncias sociais, decorrentes da modernização urbano-industrial pela qual passava o Brasil do pós 1930, o PCB atraiu para a sua esfera de influência muitos daqueles que viam no domínio político das oligarquias rurais o principal entrave ao "progresso".

Por sua vez, enquanto no país avançou a industrialização sustentada pelo método fordista de produção que impunha a divisão dos trabalhadores em categorias profissionais, o movimento sindical se constituiu em força política e o PCB, até início dos anos de 1980, desempenhou papel hegemônico de esquerda nessa esfera. Porém, com a gradativa mudança estrutural vivida pelo capitalismo a partir da década de 1970 e a crise do modelo do socialismo real, já evidenciado na década seguinte, assim como a emergência do neoliberalismo, os comunistas perdem espaço de representação e da condição de operadores políticos hegemônicos junto ao proletariado, o que possibilitou o crescimento e afirmação de concepções reformistas no seio do partido.

Contudo, as contribuições inovadoras trazidas pelos comunistas na esfera da cultura, como: Oscar Niemeyer, Mário Lago, Monteiro Lobato, Patrícia Galvão (Pagu), Jorge Amado, Paulo da Portela, Dias Gomes, Vianinha, Ferreira Goulart (para citar apenas alguns), ao longo do século XX, atuaram de maneira significante não só como a expressão de uma sociedade que se transformava, mas também como impulsionadoras de novas concepções sobre o Brasil, marcando de vez o mundo intelectual do país. Nesse mesmo aspecto, são sintomáticas, também, as reflexões teóricas igualmente inovadoras na esfera político-cultural produzidas pelos comunistas ao incorporarem as teses de Gramsci, Lukács, Raymond Williams, permitindo aprofundar as interpretações pautadas no materialismo histórico para a compreensão da realidade.

Na esfera intelectual, o esforço para aprofundar essas interpretações conduziram os comunistas a se constituírem como balizadores do projeto de uma nova sociedade brasileira. Nesse aspecto, podemos citar, por exemplo, os pioneiros: Astrojildo Pereira, Nise da Silveira, Caio Prado Jr., Alberto Passos Guimarães, Nelson Werneck Sodré.

Cabe destacar, ainda, que esses intelectuais produziram o esforço e a ousadia de pensar novas relações sociais para o país. Apesar de toda a dificuldade imposta pela carência teórica própria das circunstâncias de vanguarda, desenvolveram consistente obra objetivando compreender o processo histórico e a possibilidade de transformação revolucionária da sociedade em que estavam inseridos.

Se o modelo perseguido de uma revolução aos moldes clássicos não foi atingido, seja por equívocos de análises que não conseguiram identificar as reais contradições existentes na formação social brasileira, ou por desvios do esforço do aprofundamento do materialismo histórico, isso não anula a inegável contribuição dos comunistas para a esfera política nacional. Desde quando foi criado, em 1922, o PCB sempre esteve atuante como operador político do proletariado, não importando se reconhecido como de forma majoritária ou não. Ou seja, se sua presença se constituía na principal força política ou não. Mas o que não se pode negar é que nunca se furtou de interferir para deixar evidente de que lado, na luta de classes, os comunistas estão.

O amadurecimento teórico da esquerda brasileira tem como legado, inegavelmente, a disposição dos pioneiros que ingressaram no PCB, por identificá-lo como uma ferramenta central na luta revolucionária. Contudo, há aqueles que, ao longo de sua trajetória, abandonaram suas fileiras por oportunismo. Estes, a história os condena por traição à causa da revolução socialista. Mas há, também, aqueles que o abandonaram por discordâncias táticas e buscaram outros caminhos, porém sem abandonarem a luta. Estes permanecem no mesmo lado na luta de classes, contudo em trincheiras outras. E, por isso, merecem o nosso respeito.

Por isso que, diante da importância histórica do PCB na luta pela revolução brasileira, bem como sua presença no quadro atual da política nacional, falar e discutir os erros e acertos desse partido se constitui não um mero reconhecimento da importância dos comunistas para a história do país. Mais do que isso. Constitui tarefa revolucionária na atualidade, pois as relações de opressão impostas pelo capitalismo e/ou herdadas de outros modos de produção permanecem atuantes e, para os que buscam uma sociedade socialista, não compete reinventar a roda, mas beber na fonte dos pioneiros e aprender para não cometerem os mesmos erros.

Diante disso, dado as limitações próprias de uma revista acadêmica, neste dossiê foram reunidos quatro artigos para comemorar os 100 anos do PCB, e que abordam temas e momentos diferentes de sua história. São textos que se

articulam pela temática e têm por característica apresentar a riqueza da política dos comunistas, a preocupação com a totalidade e o envolvimento desses, por conseguinte, em esferas que vão além de questões institucionais, mas sempre com a perspectiva de construir um caminho para a concretização da revolução brasileira.

O artigo assinado por Ricardo da Gama Rosa Costa e Caio Cesar Andrade, intitulado "O V Congresso do PCB e o debate sobre a estratégia nacional-democrática", traz para o debate o momento de intensa transformação econômica brasileira, cujo avanço da industrialização, na década de 1950, impulsionou a substituição de importações e a consolidação de uma sociedade urbana. Os reflexos dessa conjuntura no debate interno do partido constituem, desse modo, o seu eixo central.

Milton Pinheiro, em seu artigo "PCB: o esgotamento de um ciclo histórico", aborda um momento crítico da história do partido ao ressaltar o desvio reformista que esteve presente na orientação política do PCB nos anos 80. Influenciada pela crise da URSS, a linha adotada pelo partido se distanciou da estratégia revolucionária que marcou toda a sua existência, passando a privilegiar e conciliar com o jogo institucional e eleitoral e se aproximando, por isso, da própria concepção de democracia burguesa e se confundindo com os demais partidos da ordem.

Maria Fernanda Magalhães Scelza e Ana Taisa da Silva Falcão trazem um debate sobre o engajamento dos comunistas na esfera da cultura utilizando, como suporte teórico, para o desenvolvimento de seus argumentos, as teses de Raymond Williams e Gramsci. As autoras escolheram, como estudo de caso, a formação do bloco carnavalesco "Bloco Revolucionário do Proletariado Comuna Que Pariu: a Cultura como Ferramenta de Formação Revolucionária". Neste artigo, onde pesquisadora e objeto de pesquisa se misturam e se afirmam de forma criativa, a práxis revolucionária da teoria do materialismo histórico protagonizada pelo PCB.

Heitor Cesar Ribeiro de Oliveira debate as peculiaridades que levaram à fundação do PCB. Em seu artigo "Particularidades na Formação do Partido Comunista Brasileiro: questões preliminares acerca da fundação do PCB" destacam-se as especificidades de fundação do partido que o diferencia dos demais partidos comunistas que tiveram, por origem, a social democracia, enquanto o PCB surge das entranhas do movimento anarquista. Nessa análise, como o próprio autor afirma, "não apenas a história do PCB [...] é marcada por divergências e disputas,

mas também o próprio estudo sobre sua história", pois seu legado, assim como a crítica a este, ainda se mostra intensamente presente em diversos espaços da sociedade brasileira e interferindo politicamente nos rumos da esquerda do país.

Esses artigos que compõem o dossiê, longe de abarcar a rica história do PCB, se constituem apenas em momentos singulares pinçados pelos autores. Eles demonstram a efervescência do debate interno, cuja preocupação sempre foi, e continua sendo, a compreensão do caminho mais acertado para a revolução brasileira, porém sem nunca abandonar o método do materialismo histórico.

RECEBIDO EM 28/11/2021
APROVADO EM 18/01/2021